

Proposta de Resolução Política do Diretório Nacional do PT

Observação: texto em vermelho não é consensual e está sujeito a debate

1. O Diretório Nacional do PT solidariza-se com os milhões de brasileiros e brasileiras que estão sendo privados de assistência médica, em consequência das ameaças feitas pelo presidente eleito, contra o programa Mais Médicos e contra os médicos cubanos, a quem dirigimos nosso mais profundo agradecimento, em nome daqueles (as) que tiveram suas vidas salvas pela solidariedade internacionalista. Viva Cuba Livre!

2. O Diretório Nacional do PT agradece a cada brasileira e a cada brasileiro que tomou partido, no primeiro e/ou no segundo turno das eleições de 2018, a favor da democracia, dos direitos sociais, da soberania nacional e a favor da humanidade. Agradecemos, especialmente, à ação de milhares de ativistas, personalidades, intelectuais, artistas que - sem pertencerem ao PT - foram às ruas generosamente, particularmente no segundo turno, em ações voluntárias de esclarecimento e debate democrático. Eleições podem ser vencidas ou perdidas, mas, em perspectiva histórica, o futuro pertence aos que estão do lado certo da história: o lado da solidariedade, da democracia e da igualdade.

3. O Diretório Nacional dirige-se e agradece à militância identificada com o Partido dos Trabalhadores, milhões de pessoas que vêm doando, voluntariamente, parte do seu tempo, em todo o país e no exterior, em defesa das causas do povo brasileiro. Nossos acertos e vitórias devem-se, no fundamental, à brava militância petista. Viva a Militância do PT!

4. O Diretório Nacional do PT agradece, também, aos partidos e setores partidários que apoiaram nossa chapa no primeiro e no segundo turno das eleições, em particular à militância do Partido Comunista do Brasil e do Partido do Socialismo e da Liberdade.

5. O Diretório Nacional registra, com orgulho, o que fizeram nossas candidaturas, homens e mulheres que empunharam, com empenho e competência, nossas bandeiras. Elegemos 4 governadores (sendo Fátima Bezerra, do Rio Grande do Norte, a única mulher a governar um Estado), 4 senadores, a maior bancada na Câmara dos Deputados, uma grande bancada de deputados estaduais. Destacamos o desempenho da chapa integrada por Fernando Haddad e Manuela Dávila, que alcançou 31 milhões de votos no

primeiro e 47 milhões de votos no segundo turno. Parte importante deste resultado resulta da postura do companheiro Fernando Haddad, que liderou com altivez nosso partido na defesa dos compromissos democráticos e populares.

6. O Partido dos Trabalhadores sai inteiro da disputa e, por isso mesmo, continua a ser alvo principal de todos os que pretendem silenciar as classes trabalhadoras e negar-lhes o direito de atuar autonomamente no cenário político. Nosso resultado eleitoral resulta da mobilização cidadã e militante, da resiliência e resistência do Partido, da lembrança positiva de nossos governos em amplos setores do povo e, também, do prestígio do companheiro Luis Inácio Lula da Silva. Mesmo preso sem crime, Lula mais uma vez esteve no centro da disputa eleitoral, política e ideológica. Passada a eleição, Lula segue como a principal liderança viva da esquerda brasileira. Ao companheiro Lula, nós dizemos: continuamos na luta pela sua liberdade e pela anulação de todas as sentenças injustas. Lula Livre!

7. O Diretório Nacional exige que se apurem todos os casos de violência política contra indivíduos e o direito de livre organização e manifestação. Nas pessoas de Marielle Franco, Moa do Katende e Charlione Lessa Albuquerque, o Diretório Nacional do PT presta homenagem às vítimas da violência política da extrema-direita, antes, durante e depois da campanha eleitoral.

8. O Diretório Nacional do PT transmite, na pessoa do recém-empossado presidente mexicano, Andrés Manuel Lopez Obrador, seu agradecimento à solidariedade internacional vinda de todos os quadrantes do mundo, de líderes políticos, da intelectualidade, da cultura, da paz e dos direitos humanos. A vitória e posse de AMLO, a resistência de Cuba, de outros governos, de todos os povos da região e do mundo nos dão a certeza de que mais cedo que tarde se abrirão novamente as alamedas por onde passarão os povos livres da América Latina e Caribe.

9. Desde o final do segundo turno de 2014, a classe dominante brasileira, seus representantes e aliados políticos, midiáticos, no judiciário, nos corpos de segurança, nos setores médios tradicionais e nas potências estrangeiras declarou uma guerra sem quartel ao povo brasileiro. Analisar a nova realidade e definir as tarefas do PT neste cenário são os objetivos da resolução política a seguir.

Caracterização do governo Bolsonaro

10. Ainda que uma caracterização completa do governo Bolsonaro deva aguardar a posse e o início de seu governo, sua campanha, as medidas

anunciadas e os nomes indicados para o ministério confirmam que estamos diante de um governo profundamente autoritário, ultraliberal e submisso aos interesses do governo estadunidense. Trata-se de um governo com a forma política do neoliberalismo, que aparenta preservar as instituições do chamado Estado de Direito, mas as esvazia de substância democrática e social. O presidente eleito adota uma retórica violenta, faz a apologia do uso de armas, elogia a ditadura militar, promove a intolerância contra quem pensa diferente, investe contra os direitos humanos, as liberdades civis e democráticas da maioria da população. **Por ter como objetivo declarado eliminar os oponentes, por defender abertamente o uso de métodos ilegais e por estimular a criação de grupos paramilitares, o “bolsonarismo” é frequentemente por alguns setores como neofascista.**

11. A nomeação de um chanceler desqualificado para o cargo, os ataques contra Cuba, as mensagens trocadas com os governos dos Estados Unidos e de Israel, as posições contrárias ao projeto do submarino nuclear, o recuo na defesa da soberania sobre a base de Alcântara e da Amazônia confirmam tratar-se de um governo entreguista, inimigo da paz e da integração regional, que pretende submeter o Brasil aos interesses **do governo dos EUA**, exatamente quando este assume um radical unilateralismo para tentar superar seus problemas.

12. No âmbito econômico e social, a tendência é de que o novo governo vá aumentar a dependência externa, a financeirização, a desindustrialização e a primarização de nossa pauta exportadora, suprimir políticas sociais, especialmente de empregos, salários, previdência, saúde, educação e habitação. Um país como o Brasil só se desenvolverá e principalmente só reduzirá as desigualdades sociais e regionais, se o Estado ocupar lugar central no planejamento, na indução e no investimento.

13. Mesmo que no curto prazo possa haver algum crescimento do PIB, a tendência é de uma piora generalizada nas condições de vida da maioria da população. Até porque as ações do governo Temer e os anúncios do governo eleito prenunciam um colapso em larga escala dos serviços públicos.

14. Embora Bolsonaro deva aprofundar os piores traços do governo Temer, há uma diferença politicamente relevante: enquanto Temer galgou a Presidência através do golpe, Bolsonaro é um golpista que chegou à Presidência através de eleições e, por isso, alega possuir legitimidade. Seja para maximizar a acumulação de capital em benefício do rentismo por meio do arrocho salarial, seja através das privatizações, da supressão de direitos sociais, da reforma da Previdência e do congelamento dos investimentos

sociais. Fundamental, porém, lembrar que Bolsonaro tornou-se presidente em eleições maculadas pela interdição da candidatura Lula, pela fraude, pela desinformação que atingiu em cheio a consciência da população, deformando-a, e por vícios e irregularidades, inclusive pagamentos ilegais para difundir *fake news* criminosas, acerca dos quais o PT exige da Justiça ampla investigação — inclusive sobre a utilização de tecnologias de ponta compradas em outros países — para que os responsáveis sejam punidos na forma da lei.

Como Bolsonaro venceu as eleições

15. Por acreditarem que excluindo e silenciando Lula seria mais fácil vencer as eleições, os principais partidos golpistas optaram por “marchar divididos e golpear juntos” contra o PT no primeiro turno. Mas, ao longo da campanha, as candidaturas da coalizão golpista foram progressivamente abandonadas por seus financiadores, por seus quadros intermediários, por grande parte de seus candidatos a governador, ao Senado, à Câmara e Assembleias Legislativas. O beneficiário principal desta deserção foi a candidatura de Bolsonaro. Durante o segundo turno, a maior parte das candidaturas do bloco golpista indicou voto em Bolsonaro ou escondeu-se atrás de uma suposta “neutralidade”. Encerrado o pleito, porém, passaram a responsabilizar o PT pela vitória da extrema-direita. Somam-se a eles políticos oponentes ao golpe, que duvidavam da força do PT, imaginavam chegar ao segundo turno e, frustrados, tentam “culpar” nosso partido pela performance obtida.

16. A campanha contra o PT visa, em parte, adubar o terreno para algumas pretensas candidaturas às eleições de 2020 e 2022. Outro objetivo declarado é afastar o PT da linha de frente da oposição a Bolsonaro. Ambos, a seu modo, reproduzem argumentos e métodos utilizados desde 2005 para tentar desmoralizar, desorganizar e, no limite, fazer desaparecer o Partido dos Trabalhadores. Na prática, contudo, tornam o ambiente mais propício ao crescimento da extrema-direita.

17. Na verdade, a reação do grande capital financeiro e de seus operadores políticos à crise de 2008 fermentou a expansão da extrema-direita no mundo. A fim de que as políticas econômicas de austeridade, redução de empregos, arrocho salarial, corte de direitos sociais, adotadas na Europa e nos Estados Unidos, tivessem êxito, era fundamental impor dura derrota às classes trabalhadoras. **Daí as classes dominantes terem se valido, em muitos casos, da extrema-direita, tendo êxito especialmente onde forças de esquerda e de centro conciliaram com o neoliberalismo.**

18. Notadamente na América Latina, há que considerar também a ofensiva imperialista, que desde 2008 vem assumindo, como de outras vezes na história, características golpistas, militares e políticas. Além da expansão das bases militares dos EUA por todo o continente, ocorreram golpes abertos em Honduras e Paraguai, o golpe parlamentar-judicial-midiático no Brasil, a ofensiva contra a Venezuela, as pressões sobre Argentina, Equador e Bolívia etc. No caso do Brasil, está em jogo enfraquecer os BRICS, desmontar a integração regional e saquear nossas riquezas naturais, a começar pelo Pré-Sal.

19. Foi esse cenário internacional que animou o PSDB a apostar numa vitória eleitoral em 2018 e que o encorajou a sabotar o governo Dilma – a partir do questionamento do resultado eleitoral de 2014, seguido pelo apoio tucano às “pautas-bomba” no Congresso junto com o ex-deputado Eduardo Cunha, pelo apoio ao golpe e pela participação no ilegítimo governo Temer.

20. Alinhados, PSDB e outros partidos estimularam e legitimaram as posições de extrema-direita, nas ruas, na grande mídia, nas forças armadas e policiais, no judiciário. Embora já presentes nas manifestações de 2013, em 2015 e 2016 é que defensores da volta da ditadura militar, da tortura, do extermínio físico de petistas e da violência aberta contra os setores excluídos e pobres da sociedade brasileira **foram às ruas**.

21. Mesmo após o *impeachment*, a coalizão golpista não cessou sua caçada judicial contra o PT e contra o presidente Lula. Com a condenação e prisão injustas dele, o judiciário trabalhou para legitimar a narrativa da extrema-direita: o PT apresentado como uma “organização criminoso”. Ao fazê-lo, criminalizou a própria política, dando ensejo a que uma candidatura de extrema-direita supostamente “contrária a tudo isto que está aí” pudesse vencer as eleições.

22. Mas o que viabilizou mesmo Bolsonaro foram as decisões tomadas pelo juiz Moro, pelo TRF-4, pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Tribunal Superior Eleitoral, ao condenarem, amordaçarem e cassarem ilegalmente a candidatura de Lula, em desrespeito inclusive à determinação da Comissão de Direitos Humanos da ONU. Lula candidato poderia sair-se vitorioso no primeiro ou no segundo turno. A verdadeira razão para a condenação injusta de Lula e sua prisão ilegal foi essa: impedi-lo de voltar à Presidência da República.

23. Oficialmente impedido no 11 de setembro, Lula, líder nas pesquisas com quase 40% de intenção de voto, foi substituído pelo companheiro Fernando

Haddad. Sem Lula, o PSDB acreditava poder levar Alckmin ao segundo turno, seja subtraindo votos da centro-esquerda contra Bolsonaro, seja atraindo votos antipetistas que houvessem migrado para Bolsonaro, então em primeiro nas pesquisas, mas seguido de perto por Haddad, cuja candidatura subia rapidamente. O que se viu, porém, é que, esfaqueado no dia 6 de setembro durante um ato de campanha em Juiz de Fora, Bolsonaro blindou sua candidatura contra a ofensiva dos candidatos de centro-direita, recebeu cobertura extensiva e permanente da grande mídia, e ainda pretextou sequelas do atentado para fugir em definitivo dos debates. Isso sem mencionar que, após a facada, o PSDB concentrou os ataques quase que inteiramente no PT, contribuindo para aumentar significativamente a rejeição a nossa candidatura.

24. Neste contexto, a campanha “contra os dois extremismos” — desencadeada pelo PSDB e emulada por outras candidaturas — colaborou para ampliar o preconceito contra o PT. E concorreu, também, para que Bolsonaro fosse encarado como o “voto útil” dos que queriam nos derrotar já no primeiro turno. Isso só não ocorreu graças ao avanço da campanha petista com o lema “Haddad é Lula, Lula é Haddad”.

25. Carta que restou para a coalizão golpista derrotar o PT no segundo turno, agarraram-se a Bolsonaro as lideranças de centro-direita, a maior parte do grande empresariado, dos setores médios tradicionais, a cúpula do judiciário e das forças armadas. O oligopólio da mídia dividiu-se: um setor apoiando abertamente e outro fazendo críticas contra as duas candidaturas, o que na prática beneficiava Bolsonaro. Além disso, algumas lideranças importantes da direita, do centro e da centro-esquerda preferiram omitir-se. Mesmo assim, a mobilização permitiu que a chapa Haddad/Manuela ampliasse seu eleitorado muito mais do que Bolsonaro, reduzisse a diferença, mas não o suficiente para vencer.

26. **A** estrutura de comunicação montada pelos apoiadores antes da eleição fez Bolsonaro avançar-se na disputa. Foram difundidas centenas de milhões de mensagens falsas, as *fake news*, cujo alcance só foi possível através do pagamento ilegal feito por grandes empresários. Além disso, contou com a inação da Justiça Eleitoral e com a campanha promovida todo tempo contra nós pela mídia oligopolista, pelo partido militar e pela maior parte da bancada dita evangélica. As *fake news* caíram em terreno fértil, adubado previamente por mentiras divulgadas cotidianamente desde pelo menos 2005. Esta fraude em larga escala foi decisiva, ainda, para a eleição dos apoiadores ide Bolsonaro nas eleições para governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

27. Fraudes e mentiras, no entanto, não impediram nossas vitórias em 2002, 2006, 2010 e 2014. Tampouco bastaram para frustrar nossa liderança na maioria das cidades, em 2018; tampouco nossa maioria de votos na região Nordeste, onde governávamos 3 estados e agora governamos 4. Para explicar por quais motivos a desinformação funcionou em determinadas regiões e cidades, será necessário um exame atento e criterioso do fenômeno.

28. Para além da passividade cúmplice do TSE e do STF, um dos fatores que pesou foi a erosão do apoio ao PT em importantes segmentos do eleitorado popular, especialmente no Sul e Sudeste do Brasil. Fragilização e erosão que se devem, ao menos em parte:

a) a nosso insucesso ao enfrentar a escalada desfechada contra o PT, desde 2005, em torno do tema “corrupção”. Ainda que nossos governos tenham aumentado os meios legais de combate à corrupção, os limites da participação popular, o adiamento da reforma política e a dependência em relação a partidos tradicionais se mantiveram. Como disse nosso 6º Congresso, “a adaptação do Partido ao ‘modus vivendi’ da política tradicional no Brasil” causou-nos um enorme prejuízo;

b) a não realização de reformas estruturais pelos nossos governos;

c) a dificuldade de lidar com a ocupação de territórios, corações e mentes pela extrema-direita, por empresas disfarçadas de igrejas e pelo crime organizado;

d) algumas medidas por nós adotadas, com destaque para a política econômica do início do segundo governo Dilma.

29. A reação do governo Lula frente à crise de 2008 conquistou a maioria do povo para o programa de crescimento com investimentos e ampliação do papel do Estado nos investimentos, na geração de empregos e ampliação de direitos sociais. Derrotamos as alternativas de direita nas eleições de 2010 e 2014. Mas a guinada neoliberal dada em 2015, na política econômica, pesou mais do que os nossos grandes acertos, contribuindo para a derrubada do governo Dilma Rousseff em 2016. E nas eleições de 2018, ao invés de culpar as forças neoliberais que desestabilizaram e depois derrubaram nosso governo, uma parte do povo - vítima da recessão e da mídia golpista - aceitou a narrativa segundo a qual a culpa recaia sobre o PT. Isso evidencia, como já foi apontado pelo 6º Congresso, que certas concessões programáticas voltam-se, sem misericórdia, contra quem as pratica. A guinada neoliberal de 2015 na política

econômica implicou em afastamento e desmobilização de setores populares face ao partido; abriu perigosos espaços para a propaganda anti-PT e para a penetração dos mais diversos preconceitos da extrema-direita. Aprendendo com esta experiência, cabe ao PT enfrentar o ultraliberalismo do governo Bolsonaro com base nas políticas antirrecessivas pelo emprego e por direitos sociais e democráticos.

30. Quando consideramos todos estes elementos, da fraude cometida pelos inimigos até problemas que vinham se acumulando há vários anos, fica claro ter sido correto, tanto politicamente quanto eleitoralmente, lutar até o limite pela manutenção da candidatura de Lula. **A experiência demonstrou ser contraproducente, para nosso esforço de conquistar os setores populares, reduzir a presença do presidente Lula na campanha; concentrar esforços junto aos setores médios; abrir mão de aspectos importantes do programa (como o duplo mandato do Banco Central); e fazer concessões ideológicas imaginando atrair setores do centro (como o elogio à Operação Lava Jato).**

31. Nossas debilidades políticas, organizativas e de comunicação, especialmente no trato de problemas que afetam os setores mais populares das classes trabalhadoras brasileiras, foram compensadas pela ação da militância; pelo prestígio e força eleitoral do companheiro Lula, sobretudo no Nordeste, onde o legado e a ação política dos governos petistas estaduais sobressaiu.

32. É imperioso analisar as deficiências e os erros cometidos pelo PT no pleito de 2018, tanto nas campanhas proporcionais e estaduais, quanto na campanha presidencial. O Diretório Nacional constitui desde já um Grupo de Trabalho, com a tarefa de realizar um balanço detalhado dos resultados obtidos nestas campanhas, bem como um diagnóstico da situação dos governos estaduais, municipais e de cada um dos partidos que disputaram em 2018. Tal relatório poderá, inclusive, subsidiar a ação de nossos governos e a própria definição da tática para as eleições de 2020. Atenção mais detida deve merecer o que ocorreu nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, pois alterar a situação vigente neles é vital para o PT e para que voltemos a governar o País. Caberá à Fundação Perseu Abramo subsidiar esse GT.

33. Finalmente, é imperioso ressaltar nesse balanço que o companheiro Fernando Haddad se projeta como uma nova liderança nacional do Partido. Defendeu o legado do Partido, ao mesmo tempo em que simbolizou aspectos

de renovação política e social de que o PT é capaz, logrando conjuntamente com a militância democrática, da esquerda e do partido chegar ao final do segundo turno com 47 milhões de votos. Fernando Haddad deverá cumprir destacado papel frente aos novos e complexos desafios da conjuntura.

Unidade na luta contra o governo Bolsonaro

34. Mesmo derrotado eleitoralmente, o PT sai credenciado para fazer oposição ao governo Bolsonaro. O PT e seus aliados representam cerca de 31 milhões de brasileiros e brasileiras, que votaram em Fernando Haddad e Manuela Dávila no primeiro turno. E a eles(as) vieram a se somar, generosamente, mais de 16 milhões que, talvez discordando do PT, escolheram nossas chapas no segundo turno. Ademais, 36 milhões se abstiveram, votaram em branco ou anularam o voto. Portanto, não é fato que a maioria do povo apoiou Bolsonaro.

35. Vamos nos empenhar para que este imenso agrupamento seja a base inicial da oposição ao governo Bolsonaro. Porém, para que isso se viabilize é preciso ter claro: Bolsonaro não é Fernando Henrique, não é Itamar, não é José Sarney, não é nem mesmo Collor de Mello. O governo Bolsonaro não traz de volta a normalidade democrática. Ele foi eleito no contexto de um golpe, através de um processo ilegítimo que marcará seu governo do início ao fim. Ademais, fazer oposição não será uma mera continuidade da campanha eleitoral, entre outros motivos porque estamos diante de um governo que fala abertamente em usar a máquina de Estado para destruir a oposição.

36. Neste sentido, a questão democrática central é chave para a evolução política do país. Trata-se de construir a unidade das classes trabalhadoras em torno do seu programa de direitos sociais e democráticos. O processo de construção da unidade das classes trabalhadoras e da maioria do povo foi profundamente erodido entre 2015 e 2018, por erros cometidos, pelo profundo ataque das forças da direita, pelo enfraquecimento social das classes trabalhadoras gerado pelo desemprego, pelo decorrente enfraquecimento organizativo dos sindicatos e centrais sindicais, por uma regressão nos níveis de consciência política causada pelas derrotas. Compreendendo que a força social capaz de liderar o combate pela democracia é a classe trabalhadora, devemos afirmar que a questão democrática central é a construção da unidade da classe trabalhadora e da maioria do povo e recuperação da confiança nas suas próprias forças para defender seus direitos imediatos e ousar lutar por um futuro que valha a pena.

37. O PT fará oposição global, baseada na mobilização social e na luta institucional, ao conjunto do programa do novo governo, em particular contra sua política de corte de direitos, de enxugamento do Estado, de privatizações, de subordinação aos interesses das multinacionais, do setor financeiro e de entreguismo. Buscaremos a unidade com todos(as) dispostos (as) a defender a liberdade de expressão, o direito à livre organização e manifestação - sob ameaça da lei antiterrorismo e de outras medidas já anunciadas pelo governo Bolsonaro.

38. Outros partidos já manifestaram que adotarão outra tática diante do governo Bolsonaro. Sabemos que existem entre os oposicionistas diferentes projetos estratégicos, partidários e eleitorais. Na prática, é possível que coabitem diversas articulações frentistas autodenominadas amplas e democráticas.

39. Por isso, o Partido dos Trabalhadores deve, simultaneamente, atuar com duas agendas: por um lado, buscará construir a mais ampla unidade de ação, em defesa das liberdades democráticas e dos direitos civis e políticos; por outro lado, na defesa intransigente dos direitos sociais e dos direitos dos trabalhadores, o PT fará oposição nos espaços institucionais, mas principalmente nas ruas através da mobilização política e social e na organização popular. E contribuirá ativamente na construção da Frente Brasil Popular, na articulação desta com a Frente Povo Sem Medo, assim como na construção de espaços comuns de articulação com as centrais sindicais, os movimentos populares e sociais, o mundo da arte e da cultura, as juventudes, as mulheres, os movimentos LGBTTTIs, os movimentos de combate ao racismo, a intelectualidade e o mundo universitário.

40. Nossa política deve ser de unidade do campo de esquerda, com os partidos que se alinharam no segundo turno pela democracia e os direitos sociais e com as frentes populares e movimentos sociais organizados. Essa frente deve ser parte integrante da estratégia e não o cálculo pragmático de cada processo eleitoral. O PT buscará a discussão imediata com esses partidos em torno de um programa comum. Essa é a unidade fundamental a ser buscada e ela permite ter a necessária flexibilidade para alianças mais amplas em defesa dos direitos civis e liberdades democráticas.

41. Nossas bancadas parlamentares, nossos governos estaduais e municipais e o Partido enquanto tal devem construir políticas adequadas para as diferentes situações e regiões do país. É fazendo uma oposição global que combateremos as manobras dos que tentam nos isolar.

42. O centro da tática petista consiste em concentrar nossa ação na defesa dos interesses populares, em oposição às medidas que afetam os interesses da maioria do povo. Vincular a defesa das liberdades democráticas com a defesa dos interesses populares e de suas organizações. Porque os ataques contra o MST e o MTST, contra os sindicatos, contra os partidos de esquerda, contra a intelectualidade democrática, contra a educação pública e democrática simbolizado no projeto Escola Sem Partido visam a criar um ambiente mais propício para implementar políticas neoliberais de exploração do povo e o entreguismo na política externa.

43. Devemos associar, também, a defesa dos direitos do povo e das liberdades democráticas com a defesa da soberania nacional e da integração regional, ameaçadas pela política externa bolsonarista de alinhamento automático aos interesses do governo estadunidense. O suposto nacionalismo de Bolsonaro é, na verdade, submissão aos interesses do governo dos EUA.

44. Na defesa das liberdades democráticas, a campanha pela libertação do companheiro Lula e pela anulação de suas condenações cumpre papel destacado. Lula foi condenado e preso por motivos políticos, fato confirmado pela nomeação de Sérgio Moro para um super-ministério de Bolsonaro e pela agora tornada pública chantagem da cúpula das forças armadas para que o STF negasse um *habeas corpus* a Lula.

45. A campanha pela liberdade de Lula, além de justa e humanitária, é o combate pelo direito dos setores populares de se organizarem em partidos e movimentos sociais sem a criminalização de sua existência, independente das intenções do governo Bolsonaro. No exterior a luta pela liberdade de Lula mobiliza e tem decidido apoio de lideranças políticas de amplo espectro, culturais, sindicais, democráticas e da intelectualidade, as quais compreendem que, com Lula preso e injustamente condenado, nunca o Brasil será um país democrático e agente de uma nova ordem global de paz e prosperidade para a humanidade. Assim, a campanha Lula Livre deve ser abraçada por todos os setores democráticos e populares.

46. A massificação da campanha Lula Livre é igualmente instrumento indispensável para denunciar e combater a retomada da ofensiva do aparato judicial-repressivo contra o PT após as eleições presidenciais. Integram sua

escalada o deferimento da denúncia fraudulenta contra os companheiros Lula e Dilma, entre outros, no processo que corre na Justiça Federal de Brasília, acusando-os de liderarem uma "organização criminosa". No mesmo passo, a transformação em réu do companheiro Fernando Haddad —ação arbitrária e infundada acerca de recursos financeiros da campanha para a Prefeitura de São Paulo em 2012. O novo núcleo de poder, que inclui setores do sistema de justiça enquistados na Operação Lava Jato, ciente da repercussão negativa decorrente da aplicação de seu programa ultraliberal, procura assim isolar e destruir, preventivamente, as forças capazes de resistir à ofensiva reacionária.

47. Na visão do governo Bolsonaro e de seus aliados, manter Lula preso é fundamental por dois motivos. Primeiro, porque Lula solto convocará, mobilizará e fortalecerá a oposição. Segundo, porque manter Lula na prisão dá verossimilhança à narrativa segundo a qual o PT seria uma organização corrupta e criminosa. Como em 1954 e 1964, o tema da corrupção vem sendo utilizado para iludir, confundir, dividir e jogar na defensiva as forças de esquerda. Eis porque a campanha pela liberdade de Lula, além de justa e humanitária, contribui para neutralizar a “narrativa” que criminaliza não apenas o PT, mas toda a esquerda brasileira. De fato, a libertação de Lula, para além das razões políticas, históricas e humanitárias, marcará o início da derrota do antipetismo na sua versão atual. E amplia também nossas chances de êxito na luta geral contra a extrema-direita.

48. Evidente que travar esta luta, hoje, é algo mais complexo do que antes. O aparato jurídico e legal que condenou Lula continua operando e foi fortalecido. Além disso, Bolsonaro buscará governar como fez campanha: diante das dificuldades, atacará. E o ataque será baseado na criminalização do inimigo interno. Também por isto ilude-se quem acha que será possível esquecer de Lula ou minimizar sua importância. Sua prisão será lembrada e reavivada para tentar confirmar a legitimidade das ações passadas, presentes e futuras desfechadas contra toda a esquerda. Mais um motivo pelo qual a campanha Lula Livre deve ser

abraçada por todos os setores democráticos e populares.

49. Credenciado pelo resultado eleitoral para figurar na linha de frente da oposição, o PT buscará o máximo de unidade de ação com outras forças políticas e sociais, com ênfase para a frente democrática e popular em defesa dos interesses do povo, contra as medidas ultraliberais. Ao mesmo tempo, buscará explorar as divergências entre as forças que apoiaram, elegeram e governarão com Bolsonaro, sem que isso nos faça abrir mão de fazer oposição global, sempre em defesa dos interesses da maioria do povo.

Organizar, lutar, resistir

50.. As eleições de 2018 encerraram um período histórico. Por isso, além de traçarmos uma tática de oposição, é preciso que o PT e o conjunto da esquerda construam uma estratégia e uma organização adequadas a este novo tempo.

51. A classe dominante brasileira alterou sua estratégia. Desde 1989 até 2014, tolerou a contragosto que a esquerda brasileira, liderada pelo PT, pudesse ser alternativa de governo. A partir de 2014 e agora em 2018, a classe dominante passou a rejeitar tal possibilidade. E continua a sinalizar que vai operar para destruir as bases que possibilitaram à esquerda, conquistar governos e governar. Isso, por si só, impõe novos desafios para a esquerda brasileira, em especial para o PT.

54. O principal destes desafios é o de colocar, como tarefa central do Partido e de cada um de seus militantes, ir ao povo, dialogar com o povo, organizar o povo, participar das lutas cotidianas da classe trabalhadora. Não cabe terceirizar esta que deve ser a principal tarefa do PT: formar, organizar e mobilizar as classes trabalhadoras, com destaque neste momento para temas como a defesa da escola democrática, da saúde e da previdência públicas.

55. Outro desafio reside em convidar a que se filiem ao Partido os milhões de trabalhadores (as) jovens, mulheres, negros e negras que despertaram para a luta política e social ao longo dos últimos anos. Convite a ser acompanhado pela criação de condições efetivas e inovadoras de militância, com nossas instâncias de base funcionando como centros políticos e culturais, com atividades permanentes abertas à participação de nossa base social. Na quadra histórica que adentramos, é fundamental a renovação de nosso Partido, de seu funcionamento, de suas organizações de base.

56. Relacionado a isto está a compreensão da centralidade da batalha cultural, da luta ideológica, da defesa dos direitos humanos, da afirmação de uma visão

de mundo antagônica à da extrema-direita, que desde 2003 tem na frente cultural uma das principais áreas de atuação, disparando suas baterias contra os trabalhadores da arte e da cultura, contra os professores, contra o ensino público, contra as universidades estaduais e federais, contra a liberdade acadêmica e contra as liberdades individuais.

57. A batalha cultural e a luta contra a extrema-direita englobam o enfrentamento das *fake news*, a luta contra o oligopólio da mídia, a construção de uma rede de comunicação de massas da esquerda brasileira, a defesa da democracia, dos direitos humanos, da soberania, da integração, e também do socialismo. O combate contra a extrema-direita passa, hoje, pela afirmação da democracia, da participação, da solidariedade, da igualdade, da cooperação, do público, do social, dentre outros valores estruturantes da visão socialista de mundo.

58. A luta social, a auto-organização das classes trabalhadoras, a batalha cultural, a defesa do próprio PT e do direito da esquerda a existir, a oposição ao governo Bolsonaro e a seus aliados, a luta pela paz, pela soberania, pela integração regional, pelas liberdades democráticas e direitos sociais ganharão centralidade no próximo período. É a luta por estes objetivos que dará sentido estratégico à ação institucional e à nossa participação nas eleições vindouras.

59. Coerente com isto, o Diretório Nacional do PT orienta a CEN e as bancadas parlamentares a definirem oficialmente uma orientação partidária para a eleição das mesas diretivas, tanto no Congresso Nacional quanto nas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Orienta também nossas bancadas a aumentarem a sintonia com os movimentos sociais e com o PT, condição indispensável para o sucesso de uma oposição global ao governo Bolsonaro.

60. O DN também convoca a Fundação Perseu Abramo a constituir – se possível com outras Fundações e entidades dispostas – um “observatório” que reúna todas as informações acerca da guerra em curso contra o povo brasileiro, em especial que analise todas as iniciativas do governo Bolsonaro, e subsidie a construção de propostas de unidade de ação contra iniciativas antidemocráticas, antinacionais e antipopulares. E que abra ainda um canal para apresentação de denúncias contra as violências políticas que o bolsonarismo desfecha contra as liberdades democráticas e a vida das pessoas.

61. A defesa do PT, em particular, exigirá um trabalho profissional de “reconstrução da imagem”. Fomos vítimas de uma campanha de terrorismo cultural, que vai requerer um trabalho longo e paciente de enfrentamento, que

começa por entender como o antipetismo se formou, seus diferentes componentes e como enfrentá-los.

62. Nesse sentido, merece especial atenção o tema da corrupção. O capitalismo é um sistema corrupto e corruptor. Os governos petistas foram os que mais avançaram na criação de instrumentos estatais contra a corrupção. Instrumentos que foram manipulados contra o próprio PT, ao mesmo tempo em que se nos impingia a pecha de “partido responsável pela maior corrupção da história do Brasil”. Para além de criar e acionar instrumentos internos mais eficazes de vigilância permanente e punição a quaisquer práticas alheias aos interesses do partido e da grande maioria da população brasileira, cabe ao PT combater as campanhas hipócritas e difamatórias contra o partido.

Pontos para um plano de ação imediato

63. Os Diretórios Municipais do Partido, em todas as cidades, devem organizar atividades públicas de debate desta resolução, abertas à participação dos setores políticos e sociais que participaram conosco da campanha no primeiro e no segundo turno;

64. Os Diretórios Municipais devem tomar medidas práticas e imediatas para reforçar, onde já existam, ou para criar, onde não existam, seções locais da Frente Brasil Popular, debatendo e implementando medidas em defesa dos interesses do povo, das liberdades democráticas e da soberania nacional, com especial atenção para os calendários de mobilização e luta definidos pelo PT, pela FBP e pela CUT;

65. Os Diretórios Municipais, os setoriais e os núcleos partidários devem tomar medidas práticas e imediatas para reforçar, onde já existam, ou para criar, onde não existam, comitês Lula Livre, por cidade, por categoria profissional ou por setor de atuação, com atenção para o calendário de mobilização definido pela Campanha Lula Livre;

66. Também devem ser convocadas, desde já, atividades para comemorar publicamente o aniversário de 39 anos de criação do Partido dos Trabalhadores;

67. Os diretórios petistas deverão apoiar as ações da CUT, das demais centrais sindicais, da FBP, da FPSM contra a reforma da Previdência, produzindo materiais de informação e orientando a militância a participar da luta comum;

68. O PT convocará a EF, a SNF e a FPA a criarem materiais de apoio à realização de Oficinas Rápidas (de no máximo 3 horas) nos municípios e bairros sobre conjuntura, neoliberalismo, economia, feminismo, combate à

LGBTfobia, combate ao Racismo, possibilitando às instâncias partidária organizarem um calendário de recepção e debates a filiados, novos filiados e simpatizantes.

Congresso partidário

67. Tantos desafios, porém, não nos fazem olvidar que a situação do Brasil e do mundo continua a exigir soluções urgentes e que cheguem à raiz dos problemas.

As diretrizes aprovadas pelo 6º Congresso Nacional do PT, que incluem a defesa de uma Assembleia Nacional Constituinte, de reformas estruturais na sociedade brasileira e de uma alternativa socialista à crise do capitalismo, não são simplesmente um desejo do PT, mas sim uma necessidade histórica para que o Brasil supere a crise em que estamos mergulhados, crise na qual a eleição de um presidente de extrema-direita é apenas um dos muitos desdobramentos.

68. Para dar conta desses imensos desafios, o Diretório Nacional convoca o 7º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, para: a) realizar o balanço das eleições e a análise do governo Bolsonaro; b) definir a tática e a estratégia do Partido; c) adequar o funcionamento do Partido à nova realidade da luta de classes no Brasil.

69. O Partido dos Trabalhadores também precisa renovar o mais rapidamente possível suas direções partidárias, em todos os níveis. O 6º Congresso Nacional do PT decidiu que as novas direções só poderão ser eleitas depois que a base do Partido deliberar, em um plebiscito, sobre as regras de eleição das direções.

70. Respeitados os prazos e os processos estabelecidos pelo 6º Congresso Nacional do PT, bem como a necessidade urgente de realizar o 7º Congresso e renovar as direções, o calendário seria o seguinte:

AS ALTERNATIVAS ABAIXO SÃO SUBSÍDIO PARA O DEBATE QUE SERÁ TRAVADO NO DIRETÓRIO

Alternativa 1

a) no primeiro semestre de 2019, realizar o plebiscito;

b) no segundo semestre de 2019, com base nas novas regras que forem aprovadas, eleger as novas direções e eleger as delegações que comporão o 7º Congresso Nacional do PT.

Alternativa 2

a) logo após o Carnaval de 2019, iniciar o processo de apresentação das chapas e teses ao 7º Congresso do PT;

b) também logo após o Carnaval de 2019, iniciar o processo definido pelo 6º Congresso para realizar o plebiscito;

c) em meados de 2019, os filiados e filiaidas compareceriam às urnas e elegeriam a delegação ao 7º Congresso Nacional do PT;

d) na mesma ocasião, em meados de 2019, os filiados e filiaidas compareceriam às urnas para votar no plebiscito sobre a forma de eleição das direções;

e) logo em seguida, igualmente em meados de 2019, aconteceria o 7º Congresso Nacional do PT, ao qual caberia finalizar a aprovação da regulamentação das regras que tenham sido aprovados no plebiscito;

f) o 7º Congresso Nacional convocaria a eleição das novas direções, com base nas novas regras;

g) no final do ano de 2019, aconteceria a eleição das novas direções, em todos os níveis, com base nas novas regras.

Alternativa 3

a) realização do 7o. Congresso e renovação das direções no 2o. semestre de 2019, em data a ser definida pelo DMN;

b) todos (as) os filiados (as) serão chamados (as) a participar e votar, nos termos do Estatuto, em decisão na base em assembleias, com debate e votação ao final;

c) serão eleitas delegações pelo critério da proporcionalidade, com base em teses e, simultaneamente, voto plebiscitário sobre a forma de eleição das direções;

d) o DN definirá medidas prévias para salvaguardar o processo de eventuais fraudes e assegurar sua legitimidade .

71. Para subsidiar os debates do 7º Congresso Nacional do PT, o Diretório Nacional constitui três Grupos de Trabalho, compostos por integrantes do Diretório Nacional e abertos a convidados, para elaborar, até março de 2018:

a) um balanço detalhado dos resultados (conforme explicado no ponto XX), com o objetivo de subsidiar nossa tática;

b) a atualização da nossa visão sobre a situação internacional e de nossa compreensão do Brasil, do seu desenvolvimento econômico social, dos conflitos de classe, étnicos/raciais, de gênero e geracionais, bem como das questões regionais, com o objetivo de construir uma estratégia adequada a nova situação histórica;

c) uma análise da situação do conjunto das organizações da classe trabalhadora e da esquerda brasileira, especialmente do Partido dos Trabalhadores, com o objetivo de subsidiar os debates sobre o funcionamento do Partido e atuação na sociedade.

72. As eleições de 2018 comprovaram o quanto estavam enganados aqueles que diziam que o PT estava liquidado. Sem subestimar as ameaças que vêm da extrema-direita, sem minimizar os riscos derivados de anos de institucionalização, sem ignorar as novidades do período histórico aberto pelas eleições de 2018, trabalhamos para

que o PT continue dando sua contribuição para que as classes trabalhadoras possam (SER GOVERNO E SER PODER)(DIRIGIR O PAÍS), construindo um Brasil onde prevaleçam as liberdades democráticas, os direitos humanos, a igualdade social, a soberania e o internacionalismo.

73. Não estamos condenados a sofrer do mesmo destino de parte da esquerda em outras regiões do mundo e mesmo aqui no Brasil, que por vanguardismo ou por domesticação, tornaram-se insignificantes. Mas para que isso ocorra, há duas condições fundamentais. A primeira é manter e ampliar nossos vínculos com as classes trabalhadoras, os setores populares e excluídos. A segunda é: resistir.

74. Conclamamos todos e todas à resistência, a começar pelos trabalhadores e trabalhadoras que não votaram em nós, mas que mais cedo ou mais tarde se reencontrarão conosco nas ruas em defesa da soberania nacional, das liberdades democráticas e dos direitos fundamentais do povo brasileiro. A luta continua, em defesa de um Brasil mais feliz!!

A condenação injusta deve ser anulada: Lula Inocente! Lula Livre!

Viva o Brasil, viva o povo brasileiro, viva o Partido dos Trabalhadores!!

Brasília, 1o. de dezembro de 2018